

ZOE E KARA: AS DIFERENTES REPRESENTAÇÕES DE JORNALISTAS EM SÉRIES DE TV ¹

SILVA, Luiz Henrique Leal da²
PRADO, Gustavo dos Santos³

RESUMO: Este trabalho consiste na análise de dois produtos em formato de seriado: *House of Cards* e *Supergirl*. O objetivo é interpretar todos os signos que fazem parte da representação do jornalista, como seu caráter e sua rotina profissional. Em *House of Cards*, a história se baseia no dia a dia da capital do poder dos Estados Unidos da América, Washington - D.C.. Por isso, o jornalismo político é relevante dentro dos acontecimentos da série e aparece por meio da figura da ambiciosa repórter Zoe Barnes. Em *Supergirl*, a super-heroína título tem como identidade secreta a jornalista da Catco *WorldWide Media*, Kara Danvers. A narrativa segue a personagem e os conflitos que surgem em seu cotidiano de heroína e de repórter. Por meio da análise de imagem, de conteúdo e interdisciplinar, o trabalho busca mostrar como as duas obras audiovisuais utilizam do roteiro, do texto e das imagens para representar a profissão e a sua importância nas histórias.

PALAVRAS-CHAVE: *House of Cards*, *Supergirl*, Jornalismo, Representação, Persona.

1 INTRODUÇÃO

Seriados de TV são uma das formas de entretenimento mais consumidas atualmente e, por isso, apresentam grande importância na construção da opinião de quem os consome. Portanto, este trabalho pretende analisar como é feita a representação do jornalismo através da figura das personagens nas séries *House of Cards* e *Supergirl*. Segundo Ambrósio, Gavirati e Siqueira (2015, p. 3 *apud* KRAETZIG, 2012), “o profissional jornalista é concebido pela sociedade não apenas pelo seu trabalho, mas também pela maneira como os próprios produtos audiovisuais os representam, especialmente, a TV e o cinema”.

O objetivo do trabalho, também, é perceber a relevância que o jornalismo tem dentro das narrativas e o impacto que gera na história. Para que essa observação seja assertiva, as personagens Zoe Barnes e Kara Danvers também terão suas personas e alianças profissionais e pessoais analisadas.

Em *House of Cards*, serão assistidos 14 episódios (a partir do primeiro episódio da primeira temporada até o primeiro episódio da segunda temporada), que

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II do curso de Jornalismo do Centro Universitário FAG.

² Acadêmico do 8º Período do Curso de Jornalismo.

³ Professor Orientador. Email: gspgustavo.historia@hotmail.com.

acompanham a trajetória da personagem Zoe Barnes na série. Em *Supergirl*, a personagem observada é a protagonista, Kara Danvers, e foi preciso assistir aos 22 episódios da quarta temporada do seriado. O método utilizado será qualitativo, através de uma análise multidisciplinar, que terá como base a interpretação de imagens, texto e roteiro das séries.

Com a crescente popularização das séries, o seu consumo aumentou e gerou a necessidade de novos produtos audiovisuais em uma constância nunca vista antes. Por isso, torna-se interessante abordar questões referentes ao desenvolvimento e ao amadurecimento nas narrativas das séries de TV. Em específico, como o papel do jornalista adquiriu maior importância em histórias que antes os subjugavam.

Assim como na vida real, as personagens têm uma gama infinita de personalidades e estão sujeitas a diversas possibilidades ficcionais. As duas jornalistas analisadas neste trabalho apresentam semelhanças e diferenças que contribuem para a construção de suas respectivas trajetórias. A importância de perceber tais divergências se dá para que seja possível entender os critérios técnicos e narrativos e como eles podem influenciar na representação de um personagem em uma obra audiovisual.

Esse tipo de análise é relevante para entender como os signos são utilizados para direcionar nossa opinião e afinidade pelos personagens de uma história, neste caso, aqueles que trabalham com jornalismo.

2 SÉRIES: IDENTIDADES, QUARTO PODER, *HOUSE OF CARDS* E *SUPERGIRL*

2.1 SÉRIES: POPULARIZAÇÃO, CONSUMO E IDENTIDADE

As séries são, atualmente, as produções audiovisuais mais presentes no cotidiano das pessoas. Estão hospedadas em serviços de streaming, que não param de surgir, sites clandestinos e em redes sociais, como o YouTube e o Instagram. Essas produções são responsáveis por contar histórias, ao mesmo tempo em que geram lazer e diversão.

É preciso, também, observar que as séries não surgem em uma demanda facilmente estabelecida. O consumo dita quais são os melhores momentos para uma

série nova surgir, para outra voltar do hiato⁴ e, até mesmo, quando alguma precisa chegar ao fim. Segundo Moreira (2013, p. 7),

assim como nos livros de banca, o seriado de televisão é uma narrativa viva, que pode ser modificada ao longo do tempo por fatores externos de diversos tipos: respostas negativas do público, apego a determinados personagens secundários que passam a ter maior destaque na trama, questões pessoais de atores e equipe.

O consumo também passou a ser diversificado quando se leva em consideração a idade dos espectadores. As séries, assim que surgiram, atingiam um público específico, composto, em sua maioria, por adolescentes e jovens. Com o crescimento de conteúdo produzido no formato seriado, todas as idades passaram a ser impactadas por esses produtos audiovisuais, desde crianças até idosos. Segundo Francisco (2010, p. 5), “um pensamento cada vez mais partilhado entre os pesquisadores da juventude contemporânea é que a condição social desta ultrapassa o fator idade [...]”.

Mas o que levou à popularização das séries no mundo atual? A resposta pode ser encontrada no imediatismo, que se tornou parte da personalidade dos indivíduos na atualidade. É comum ouvir que “as pessoas não têm mais paciência”, e as coisas não são diferentes no mundo das séries. Segundo Martin Kuhn (2011, p. 7), “[...] a soma de um estilo de vida que cultua a velocidade com a presença de tais elementos na comunicação de mercado contribui para a promoção de uma ditadura do agora, baseada na promessa do prazer instantâneo”.

Consumir uma novela pode levar até três meses, enquanto, num único dia, nos serviços de *streaming*, recebe-se uma temporada inteira. Em resumo, ninguém mais quer esperar para conhecer uma história por completo. Agora, os espectadores querem ter de uma vez só: o início, o desenvolvimento e a conclusão. De acordo com Moreira (2013, p. 2), “a rede tem fome de narrativa: o novo público pode assistir a uma temporada de 13 episódios em um final-de-semana, comentar em fóruns e consultar verdadeiras enciclopédias em forma de sites wiki”. Portanto, as séries precisam corresponder às expectativas de quem as procura. O conteúdo mudou, assim como os meios, o consumo e, também, o público.

⁴ Termo utilizado para definir a pausa temporária de uma série/seriado. A pausa pode ser tanto dentro da temporada, dividindo a mesma em duas partes, ou entre temporadas.

2.2 QUARTO PODER: JORNALISMO E POLÍTICA

Quando falamos em poder, é comum associarmos o termo a alguma habilidade sobre-humana encontrada em histórias de ficção, como superforça, supervelocidade, invisibilidade entre outros. Quando usada em contextos sociais, a palavra está atrelada às relações que encontramos nas instituições (família, igreja, escola etc.). Porém, o poder só existe onde lhe é permitido o exercício de sua influência. Segundo Lebrun (1981, p. 8),

Em suma, o poder não é um ser, “alguma coisa que se adquire, se toma ou se divide, algo que se deixa escapar”. É o nome atribuído a um conjunto de relações que formigam por toda a parte na espessura do corpo social (poder pedagógico, pátrio poder, poder do policial, poder do contramestre, poder do psicanalista, poder do padre, etc., etc.).

A analogia anterior se relaciona diretamente com os objetos de estudo deste trabalho. Em *Supergirl*, a personagem possui uma gama de super-habilidades que a tornam um ser poderoso. E em *House of Cards*, os protagonistas, por meio da política, conquistam o Salão Oval e a Casa Branca (esses dois são símbolos que se referem ao cargo de presidência dos Estados Unidos da América). Mas, em ambas as histórias, outro tipo de poder cresce e aparece de forma disruptiva: o quarto poder.

Briggs e Burke (2002) citam que uma das primeiras vezes em que o termo foi utilizado ocorreu na Europa, no jornal *The Times*, entre as décadas de 30 e 50. O veículo de comunicação se autointitulava um “quarto poder”. Quase um século depois, no nosso contexto atual enquanto sociedade, o quarto poder é conhecido como aquele capaz de transitar entre as esferas sociais, através da mídia e de seus derivados. Em suma, qualquer produto que gere comunicação e cause influência (negativa e/ou positiva) faz parte da construção do quarto poder. Para Foucault (1978, p. 8),

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir.

Um dos principais canais por onde o quarto poder se manifesta é o jornalismo. A profissão tem como objetivo principal informar e levar à tona os anseios da sociedade, da mesma forma que também cobra e busca a justiça social. Ou seja, o que é, ou não, publicado depende única e exclusivamente da vontade dos jornalistas

(ou da mídia). Segundo Cook (2011, p. 209), “[...] se os jornalistas não consideram algo digno de ser noticiado por seu próprio julgamento, o poder da fonte pode não ser suficiente para ver esse algo impresso ou no ar”.

Mesmo que o poder exista e coexista em diferentes esferas da sociedade, a sua presença pode ser sentida de forma geral em todos os grupos sociais de uma sociedade contemporânea. Segundo Ferreirinha e Raitz (2010, p. 382), “o poder não é só do Estado ou da soberania. O poder são as ações sobre as ações”. Portanto, o poder como o conhecemos não pode ser facilmente explicado; ele não só faz parte de diferentes áreas do mundo contemporâneo, como pode ser mutável de acordo com o ambiente em que se encontra.

2.3 *HOUSE OF CARDS*: E A ESCOLHA DA CONDUTA ÉTICA

House of Cards significa “Castelo de Cartas”. Castelo é um edifício que está, quase sempre, ligado a figuras monárquicas, ou seja, com grande poder. Cartas, em jogos de baralho, são objetos utilizados para movimentar um jogo. O título da série faz uma analogia à famosa brincadeira de montar um castelo com cartas de baralho, uma forma compacta de explicar a história que se passa ao longo de seis temporadas.

No primeiro episódio, conhecemos o casal de protagonistas, Francis Underwood e Claire Hale Underwood. Os dois não buscam dinheiro, fama ou amor, tudo que eles querem é poder e esperam alcançar isso com a nomeação de Frank, apelido de Francis, para o cargo de Secretário de Estado dos Estados Unidos. Mas isso não ocorre, e os dois têm uma solução simples: se Francis não pode ser Secretário de Estado, ele vai ser Presidente, passando por cima de quem for preciso para consegui-lo.

House of Cards é repleta de personagens ambíguos e que, em maior ou menor escala, não hesitam em tomar ações questionáveis para obter qualquer vantagem em função do cargo que exercem; do acesso privilegiado que tem ou de um objetivo tão trivial quanto ‘subir na carreira’ (MAGALHÃES-COSTA; VASQUES-FERREIRA, 2018, p. 275).

São seis temporadas de “cartas caindo” e pessoas diferentes assumindo o “castelo”. Apesar de ser uma ficção, *House of Cards* simula as intrigas e os esquemas que ocorrem dentro dos corredores do Congresso e da Casa Branca dos Estados

Unidos. Em muitos casos, inclusive, inspira-se em acontecimentos da vida real. De acordo com Koziel (2020, p. 63),

Diversas referências a fatos reais são percebidas na série como, já no primeiro episódio, a foto de Frank Underwood observando o corpo da repórter Zoe Barnes (Kate Mara) em um evento na Casa Branca que visualmente reproduz uma foto do presidente Barack Obama em situação semelhante que circulou na mídia alguns anos antes.

Como a série trata de um cenário político, é comum encontrar referências a várias profissões que fazem parte desse universo. Então, além dos deputados, secretários, presidente, vice-presidente etc., temos também ativistas, jornalistas entre outros. O jornalismo, inclusive, é um dos mais perceptíveis dentro da narrativa, já que é através dele que muitas das histórias e armações são colocadas em prática.

No começo da série, Frank cria um relacionamento de troca de favores com a ambiciosa Zoe Barnes, colunista do jornal *The Washington Herald*. Descontente com seu escopo de atuação no veículo de comunicação – escrever matérias de gaveta⁵ – ela vê, na parceria com Frank, a possibilidade de conquistar espaço no cenário político de Washington D.C. De acordo com Koziel (2020, p. 136), “essa relação da política com a mídia é bastante explorada em *House of Cards*, tanto nos livros quanto nas séries. Os políticos de *House of Cards* usam a imprensa em benefício próprio”.

Um dos grandes trunfos da série é inserir a ferramenta da quebra da quarta parede⁶. Por meio dessa disruptura, Frank trata o telespectador como cúmplice de seus planos. Através da ironia e do sarcasmo, o protagonista interrompe as cenas e humilha, expõe e, até mesmo, ofende os outros personagens com quem está dividindo a tela. Tal recurso também é utilizado a partir da quarta temporada por Claire, e na última, pelo seu assistente, Doug Stamper. Segundo Steindorff (2015), o texto da série é reproduzido de uma forma autoconsciente, ou seja, não são só os telespectadores que sabem que estão diante de uma ficção, mas a própria série entende que é ficcional e faz com que seus narradores também percebam a presença do espectador.

House of Cards, sobretudo, trata da ambição humana, todos os personagens desejam algo com muita ferocidade e não medem esforços para conseguir atingir seus objetivos. É uma forma interessante de estabelecer uma conexão com a nossa sociedade atual. De acordo com Koziel (2020, p. 83), “*House of Cards* – romances e

⁵ Linguagem que se refere às reportagens que não são factuais.

⁶ Parede imaginária que divide o telespectador de personagens/história.

séries – trata-se, principalmente, de política e poder. Ou seja, a política é retratada como uma espécie de jogo cujo objetivo é obter poder”. Ao longo dos 73 episódios, a série, apesar de assumidamente tratar-se de uma obra de ficção, mostra que seus personagens e sua história estão muito próximos da realidade.

2.4 SUPERGIRL E A ESCOLHA DO QUARTO PODER

Super-heróis se tornaram extremamente influentes dentro da cultura pop no século XXI. Muitos estúdios se movimentam, anualmente, com a intenção de lucrar com essas histórias, originadas há décadas, quando esses superseres nada mais eram do que ilustrações em páginas de histórias em quadrinhos. Quando falamos de super-heróis, é quase impossível não associar o prefixo “super” com o tão famoso *Superman*. Segundo Gonçalves (2017, p. 2),

A primeira edição da revista Action Comics, lançada em junho de 1938, trouxe ao mundo o personagem conhecido como Superman, o primeiro super-herói propriamente dito. Todavia, embora seja o precursor do modelo, que se revelaria muito prolífico, Superman é parte de uma vasta genealogia de seres superpoderosos, heróis folclóricos e vigilantes mascarados, cujos vestígios são visíveis em sua tessitura.

Porém, em 1959, uma nova personagem surgiu. Também vinda de Krypton, a prima do *Superman*, conhecida como *Supergirl*, foi apresentada ao universo dos fãs de histórias em quadrinhos. A personagem foi introduzida ao cânone⁷ do escoteiro azul⁸ na revista *Action Comics* #252. 56 anos depois, através da emissora de TV americana CW⁹, o mundo conheceu a mais nova e atualizada versão da super-heroína, por meio da série de formato procedural¹⁰ “*Supergirl*”.

A protagonista é Kara Danvers, alterego da super-heroína título. Após passar boa parte da sua vida escondida por sua identidade secreta, a personagem decide que quer utilizar seus poderes para ajudar os cidadãos de *National City*. Após cinco temporadas, Kara enfrenta os dilemas de ser uma heroína justa e também de se adequar a uma sociedade que tem preconceito com alienígenas (mesmo que não sofra diretamente com esse problema, já que sua aparência é fisicamente semelhante

⁷ Considerada a história oficial de um personagem.

⁸ Um dos apelidos do *Superman*.

⁹ *The CW Television Network*.

¹⁰ Séries que têm muitos episódios por temporada, com a inclusão de um caso/problema diferente por semana, resolvido pelo protagonista.

à humana). Segundo Szezecinski e Almeida (2017, p. 11), “o universo diegético da série é construído de forma que a questão central do arco narrativo não é somente o destino individual da personagem principal, mas a sociedade em que ela vive, seu funcionamento e sua sobrevivência”.

Mas a história não foca somente nos grandes embates entre a super-heroína e seus inimigos. Kara Danvers precisa preservar sua identidade secreta e escolhe fazer isso, na primeira temporada, por meio de uma rotina como assistente pessoal, na empresa *Catco WorldWide Media*. No decorrer da série, Kara percebe que seus poderes não são a única forma de lutar contra injustiças e vilania. Então, após alguns empurrões de seus amigos e família, ela se torna uma repórter, seguindo os passos de seu primo, Clark Kent/*Superman*. Segundo Oliveira e Rockenbach (2016, *apud* SENRA, 1997, p. 54),

o personagem tem um vínculo vital com a informação, ou seja, sua solidariedade com a história, o forte sentimento de ligação do herói à sua comunidade de origem lembra a sólida inserção comunitária do profissional de imprensa e sua atividade de testemunho dos acontecimentos.

Esse é um dos vários aspectos que dão à história da super-heroína maior profundidade, já que, em outras mídias, ela é retratada e sustentada como uma simples ajudante do *Superman*. Apesar do parentesco entre os dois ser mantido na série, o tão famoso super-herói é coadjuvante, lembrado somente porque os seus ideais continuam muito presentes e vivos nas atitudes de Kara. Em sua própria série, é justo que a personagem finalmente alce seus voos sozinha.

2.5 SÉRIES: CONTEÚDO, IMAGEM E INTERDISCIPLINARIDADE

Uma série não é somente um aglomerado de imagens que contam uma história. Como se trata de uma obra audiovisual, além do áudio e da imagem, também temos um roteiro que delimita as ações dos personagens. Cada um desses elementos faz diferença no contexto geral. Segundo Rocha (2008, p. 124), “compreendê-los permite-nos identificar como significados e acontecimentos são codificados na feitura dos produtos culturais analisados”.

Uma única imagem pode conter vários signos, que podem ter diferentes interpretações de acordo com o receptor. Ou seja, ao analisar uma imagem, é preciso estar atento a esses diferentes elementos. Dessa forma, é possível entender qual

mensagem os criadores buscavam com aquela situação. É muito comum que roteiros de obras audiovisuais incluam dicas e orientações com relação à fotografia, já que os autores também precisam pensá-la como um todo. Segundo Joly (1994, p. 44), “se estas representações são compreendidas por outros que não aqueles que as fabricam, é porque existe entre elas um mínimo de convenção sociocultural [...]”.

Para que a análise de uma imagem seja feita, podem ser usadas algumas técnicas: (a) multidisciplinar, técnica que se caracteriza pela utilização de diversos conhecimentos (de várias áreas profissionais e acadêmicas), a fim de encontrar significado dentro de uma imagem; (b) *prints*, técnica que consiste na captura de tela de uma imagem, são geralmente utilizados quando se quer analisar um frame específico de um produto audiovisual ou de algum contexto em que seja necessário registrar um ecrã¹¹ (independentemente do dispositivo utilizado); (c) tela fixa, essa técnica não diz respeito à utilização exclusiva de imagens paradas, mas sim da análise de imagens que não estão em movimento, seja porque são resultado de uma captura de tela ou de uma imagem que foi criada para ser fixa (fotos, peças publicitárias etc.); (d) imagem em movimento, segundo os conceitos de Huchet (2010), essa técnica pode ser classificada como a utilizada para analisar peças audiovisuais, como animações, séries (objeto de estudo deste trabalho), filmes etc.

Essas técnicas não são excludentes umas das outras, pelo contrário, têm potencial complementar, ou seja, podem ser usadas separadamente, mas também em conjunto, desde que o objetivo seja garantir a melhor compreensão da mensagem. De acordo com Joly (1994), a análise de imagens possui diversas funções, dentre elas aumentar o conhecimento do receptor, além de instruir, permitir e ajudar na melhor concepção de mensagens visuais.

Mas, quando a análise de imagem sozinha não é suficiente para interpretar todas as informações presentes em uma obra, entra em cena um tipo diferente de abordagem: a análise de conteúdo, um método que tem como premissa analisar todas as mensagens e intenções (implícitas ou não) presentes em um objeto de estudo. É através dela que é possível, também, entender a relação entre diversos elementos presentes em uma obra.

A análise de conteúdo, atualmente, pode ser definida como um conjunto de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, que se presta a analisar diferentes fontes de conteúdos (verbais ou não-verbais). Quanto a

¹¹ Tela de um dispositivo tecnológico.

interpretação, a análise de conteúdo transita entre dois polos: o rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade. É uma técnica refinada, que exige do pesquisador, disciplina, dedicação, paciência e tempo. Faz-se necessário também, certo grau de intuição, imaginação e criatividade, sobretudo na definição das categorias de análise (SILVA; FOSSÁ, 2015, p. 3).

Mas, para que essa análise seja realizada, é importante lembrar de um dos elementos mais importantes para a existência de tais produtos: o receptor/espectador/telespectador. A constante criação de obras, independentemente de qual mídia (áudio, vídeo, foto, texto), é motivada pela existência de um público que as consome de forma abundante. Segundo Magalhães-Costa e Vasques-Ferreira (2018, p. 281),

[...] o público das séries é parte fundamental do processo de produção, circulação e consumo de ficção televisiva e o interesse pelo universo das séries tem ampliado de modo considerável a oferta de material televisivo para além do que está sendo exibido sincronicamente.

3 ZOE E KARA: AS DIFERENTES REPRESENTAÇÕES DE JORNALISTAS EM SÉRIES DE TV

3.1 ZOE BARNES E A POSIÇÃO DO JORNALISMO NO CASTELO DE CARTAS

No começo do primeiro episódio, é possível perceber que *House of Cards* não é uma série como as outras, a impetuosidade de Frank Underwood é representada de maneira fria quando o personagem, ao ver o sofrimento de um cachorro atropelado, decide sufocá-lo. Em suas próprias palavras, o protagonista nos diz que existem dois tipos de dor: a que te deixa mais forte e a que é inútil.

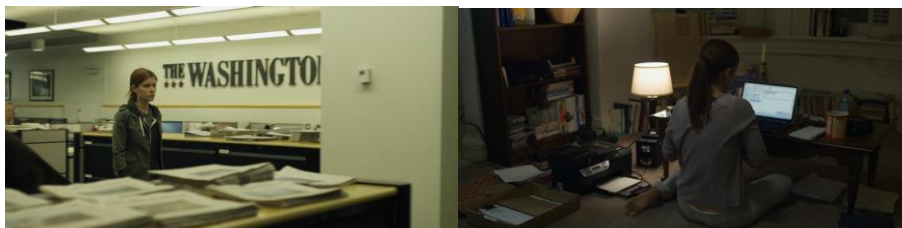
É difícil encontrar, em *House of Cards*, personagens genuinamente bons. Os profissionais da imprensa querem status, os políticos buscam influência, os lobistas¹² manipulam as situações ao seu redor, e assim por diante. O denominador comum de todos os personagens está escondido nas entrelinhas do roteiro: todos querem poder dentro de suas respectivas áreas de atuação.

Uma das profissões abordadas na série é o jornalismo. Segundo Koziel (2020, p. 134), “a imprensa é chamada de ‘quarto poder’, por sua importante participação na política, ao lado dos tradicionais três poderes que são o tripé da política numa

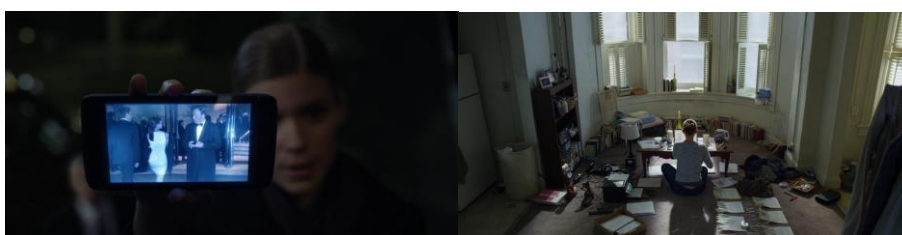
¹² Aquele que pratica *lobby* político, ou seja, manipula as negociações na esfera pública para benefício próprio e de seus aliados.

sociedade democrática”. Na primeira temporada, a importância do jornalismo no cenário político é mostrada através de Zoe Barnes, uma jornalista que utiliza meios antiéticos para conquistar influência e alavancar sua carreira.

Imagens 1 e 2 – Fonte: *House of Cards*



Imagens 3 e 4 – Fonte: *House of Cards*



Zoe não é a jornalista íntegra que se espera encontrar em um produto audiovisual. Seu objetivo é escrever reportagens relevantes, independentemente das barreiras que precise atravessar. Seu visual despojado e sua rápida movimentação dentro de ambientes grandes transmitem a impressão de uma jovem inquieta e agitada (Imagem 1). Para conseguir uma fonte do alto escalão da política de Washington, Zoe coloca uma roupa justa e, intencionalmente, passa ao lado do protagonista da série, Frank Underwood, a fim de fazer com que o mesmo olhe para seu corpo (Imagem 3). Após conseguir a foto, Zoe vai até a casa de Frank e o confronta, exigindo informações para uma reportagem. O protagonista lhe oferece uma parceria, e, assim, começa a relação entre os dois personagens. Ainda no primeiro episódio, é possível perceber que a fotografia da série busca sempre transmitir mensagens através de sua composição.

Na Imagem 2, Zoe ainda não tinha entrado em contato com Frank e, também, não tinha nenhuma expectativa positiva com relação a sua carreira. Seu apartamento é mostrado com nenhuma iluminação natural e, mesmo que tenha a luz de um abajur, o ambiente, ainda assim, permanece escuro. Mas, após a conversa com Frank, Zoe consegue um documento importante que pode lhe garantir um furo de reportagem, a oportunidade que ela tanto queria. Por isso, a fotografia da cena opta pela entrada de

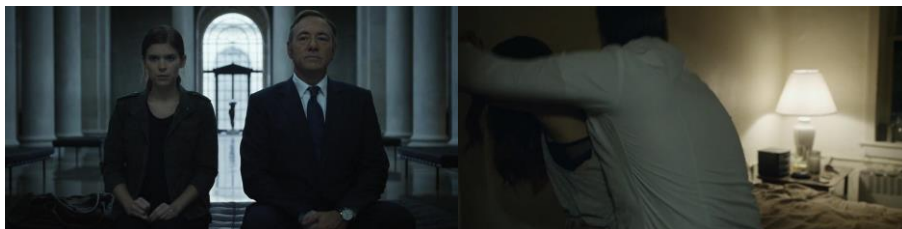
luz natural, que ilumina a personagem e também todo o ambiente do apartamento (Imagem 4). Portanto, a diferença de iluminação entre as Imagens 2 e 4 tem o objetivo de transparecer um período de incerteza e, posteriormente, de esperança para a personagem.

Imagens 5 e 6 – Fonte: *House of Cards*



A fotografia da série também se beneficia da arquitetura como forma de demonstrar a mudança da linha editorial dos veículos de comunicação da série. Na Imagem 5, temos um vislumbre do momento em que Zoe sai do prédio do *The Washington Herald*, após ser demitida por contrariar as regras impostas por seu editor-chefe. É possível perceber que se trata de um prédio de alvenaria com tijolos expostos, localizado no centro da cidade de Washington, envolto por outros prédios. Em contrapartida, na Imagem 6, conhecemos a nova empresa onde Zoe vai trabalhar: o *Slugline*, um portal de notícias independente. O design do ambiente mostra ilustrações modernas na parede, jovens sentados em *puffs*, paletes dispostos no chão, luminárias modernas etc.

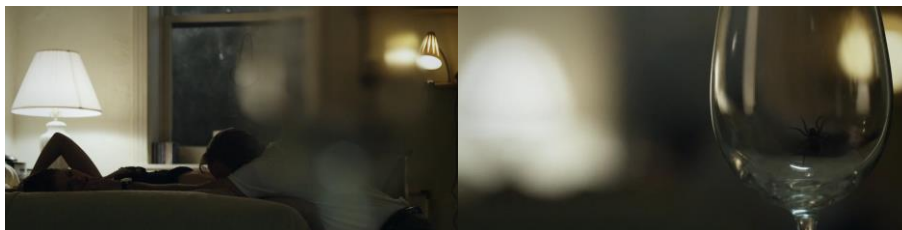
As características presentes nas duas imagens podem ser interpretadas como uma representação da diferença entre o jornalismo considerado velho (aquele composto pelo jornal impresso, linha editorial rígida e hierarquia de um editor-chefe) e o novo jornalismo (em que a linha editorial é decidida pelo próprio jornalista, que tem mais liberdade para publicar o que quiser, quando quiser). Através dessa junção de fotografia e arquitetura, *House of Cards* não só demonstra a transição das plataformas midiáticas, como também a migração dos profissionais de comunicação para os novos veículos de comunicação.

Imagens 7 e 8 – Fonte: *House of Cards***Imagens 9 e 10** – Fonte: *House of Cards*

Apesar de a parceria entre Zoe e Frank ter começado com intenções profissionais, aos poucos, o relacionamento adquiriu tons mais íntimos (Imagem 7). Frank, desde o princípio, tratou a relação deles como uma forma de controlar a jornalista. Quando Zoe começa a ganhar influência no cenário político, Frank fica preocupado que, em algum momento, ela o entregue por suas informações extraconfidenciais.

Zoe sugere que ele tire fotos dela nua (Imagem 8) para equilibrar a situação entre os dois. Segundo ela, as fotos poderiam manchar sua carreira e eram a garantia de que ele precisava. Porém, com o tempo, Zoe percebe que a relação entre eles não é correta e pode, eventualmente, tirar toda a credibilidade que ela construiu. Através de uma conversa em um dos locais de encontro, Zoe pretende encerrar o vínculo íntimo e sexual entre os dois, para que se ajudem somente profissionalmente (Imagem 9).

Frank não aceita que a relação íntima acabe e, para punir Zoe, para de fornecer informações a ela, o que força a jornalista a continuar a relação sexual, a fim de obter o que precisa para escrever suas reportagens (Imagem 10). A partir desse momento, Zoe trata Frank de forma fria e calculista, sem o carinho, que antes era uma característica do relacionamento dos dois. É após esse breve momento de conflito que começam a surgir em Zoe sinais de rebeldia, já que ela não quer ser mais controlada pelo político.

Imagens 11 e 12 – Fonte: *House of Cards*

Antes do conflito entre Zoe e Frank, a série, por meio de uma junção entre semiótica e fotografia, compara a relação entre os dois com uma aranha que tenta escapar de uma taça de vinho.

A jornalista explica que seu apartamento tem problemas com aranhas, e, mesmo após pedir várias vezes, o síndico do prédio nunca faz nada para ajudá-la. Portanto, sempre que uma aparece, Zoe a captura e coloca na porta do síndico como forma de castigá-lo pela omissão.

Após contar a história, Zoe liga para seu pai, e, enquanto isso, Frank observa a aranha. Como Zoe, no mesmo episódio, começou a se aproximar afetivamente de um ex-colega, Frank busca reconquistar seu domínio sob a jornalista através de sexo. Portanto, Frank faz sexo oral na jornalista, enquanto ela ainda está no telefone com o pai.

Frank e Zoe são mostrados ao fundo, e a taça de vinho e a aranha estão desfocadas (Imagem 11). Por meio de um efeito de mudança de foco, a taça e a aranha ficam em foco (Imagem 12). Na imagem 12, a aranha tenta fugir escalando a taça, mas cai logo em seguida. Uma representação do vínculo entre a jornalista e o político. Zoe estava, aos poucos, fugindo do controle de Frank, e é através da relação sexual que ele a prende novamente. Frank é a taça; e Zoe, a aranha.

Imagens 13 e 14 – Fonte: *House of Cards*

Imagens 15 e 16 – Fonte: *House of Cards*



Após perceber que Frank é o responsável pela morte do deputado Peter Russo, Zoe alia-se com seus antigos colegas do *The Washington Herald* para expor Frank (Imagem 13). Para evitar que a jornalista atrapalhe o começo de seu mandato como vice-presidente, Frank a convida para um encontro em que pretende selar uma nova parceria, sem obrigações sexuais (Imagem 14). Mesmo que a situação pareça estar resolvida entre os dois, Zoe continua sua investigação, e Frank não só sabe disso, como percebe que não pode mais confiar nela.

Mais à frente no episódio, Frank marca um encontro com Zoe na estação de metrô. Os dois conversam sobre a possibilidade de continuar sua parceria, desde que Zoe pare imediatamente a investigação. A jornalista ainda tenta extrair uma confissão de Frank, e ele sai frustrado e estressado com ela. Zoe vai atrás dele, mas é empurrada na frente do trem que se aproximava (Imagens 15 e 16). A história da jornalista acaba através das mãos de seu antigo cúmplice. Frank encerra o assunto com Zoe definitivamente.

A história de Zoe e Frank pode ser vista como uma representação da relação entre o jornalismo e a política na realidade. O jornalismo é o meio pelo qual a sociedade tem acesso não só ao andamento do mandato dos políticos, como também do cumprimento de seus deveres e obrigações. Quando um político maltrata ou desvaloriza o trabalho de um jornalista, esquece que é através dessa profissão que seu trabalho é exibido para a sociedade.

Apesar de não ter as melhores práticas com relação à profissão, Zoe Barnes é uma representação interessante do propósito do jornalismo e de sua função na estrutura da sociedade. Adiante, este trabalho aprofundará a representação do jornalismo nos seriados por meio de uma personagem que tem a mesma voracidade que Zoe, porém com uma personalidade bem diferente: Kara Danvers, a repórter que é a identidade secreta da *Supergirl*.

3.2 KARA DANVERS E AS MÚLTIPLAS FACES DO PODER

Durante três temporadas, *Supergirl* lidou com vilões que variam de alienígenas monstruosos a seres humanos mal intencionados. Mas, na quarta temporada, a desinformação se torna sua maior inimiga. É o momento em que a super-heróína percebe que precisa pendurar a capa e enfrentar os vilões por meio da profissão que escolheu para compor sua identidade secreta: o jornalismo.

Desde o começo da série, Kara Danvers/*Supergirl* percebe que alguns problemas não são resolvidos só com seus poderes e que a comunicação tem um papel importante na luta por justiça e pela liberdade dos cidadãos do planeta Terra. Segundo Pinheiro (2020, p. 7),

Em sua trajetória de descoberta de si mesma no planeta terráqueo – e inspirada pelo trabalho do Superman, que em sua identidade secreta como Clark Kent se tornou jornalista – Kara decidiu se tornar repórter da CatCo Magazine, revista na qual já trabalhava de secretária.

Imagens 17 e 18 – Fonte: *Supergirl*



A partir da quarta temporada, a personagem é apresentada e trabalhada como uma jornalista com opinião expressiva dentro do cenário midiático e informacional. Na imagem 17, Kara participa de uma coletiva de imprensa com a presidente dos Estados Unidos da América, evento que, tradicionalmente, faz parte da rotina de jornalistas considerados importantes e gabaritados nas editorias de política.

Outra forma que a série encontra de mostrar Kara como uma profissional experiente é inserir uma nova personagem, Nia Nal, que será a aprendiz da jornalista na nova temporada (Imagem 18). É possível perceber que a narrativa da série muda, e, através de alguns artifícios, busca diferenciar a experiência profissional de Kara. Antes ela era a aprendiz, agora, é a mentora.

Imagens 19 e 20 – Fonte: *Supergirl*

O seriado entrelaça cenas de ação com histórias dos cotidianos de cada personagem. Portanto, mesmo que aborde o lado humano da *kryptoniana*, a série não deixa de mostrar a relevância de suas atitudes como *Supergirl*. Na imagem 19, a heroína utiliza seu prestígio e sua autoridade para aconselhar os cidadãos de *National City*¹³ em uma transmissão ao vivo na TV. Na Imagem 20, como jornalista, Kara observa as reações que seu artigo (em que defende os direitos dos alienígenas) teve para o público que acompanha a *Catco WorldWide Media*, empresa na qual trabalha.

Essas duas cenas conseguem ressaltar uma característica presente na personagem, usar sua identidade civil e seu alterego para lutar pelas mesmas causas. Ou seja, mesmo que seja superpoderosa e utilize sua força bruta quando necessário, a personagem prefere acreditar no bom senso e respeitar o livre arbítrio dos demais personagens da história.

Imagens 21 e 22 – Fonte: *Supergirl*Imagens 23 e 24 – Fonte: *Supergirl*

¹³ Cidade fictícia escolhida para ser o cenário das histórias da série.

Seriados de TV com foco em histórias de super-heróis, geralmente, buscam envolver suas tramas no já convencional maniqueísmo¹⁴, ou seja, a luta entre o bem e o mal; em *Supergirl*, não é diferente. Nas imagens 21 e 22, temos *Supergirl* e sua identidade secreta, representada através da humana e jornalista, Kara Danvers. Nas imagens 23 e 24, temos o Agente Liberdade, antagonista da temporada, e sua identidade secreta, representada pela figura do professor Ben Lockwood.

Na temporada, a rivalidade dos personagens é construída em cima de uma questão debatida com grande repercussão na atualidade: o nacionalismo extremo e o perigo da segregação das minorias. O vilão utiliza a desinformação e a manipulação das informações para convencer os cidadãos dos Estados Unidos da América de que o extermínio dos alienígenas é a melhor forma de preservar a soberania dos seres humanos enquanto raça dominante do Planeta Terra.

Através da construção desse medo generalizado, o personagem consegue fragilizar a figura da *Supergirl*, que é uma alienígena, e dificultar, também, a vida de Kara Danvers, já que a jornalista precisa trabalhar dobrado para dar conta de desmentir todas a inverdade e as notícias falsas propagadas pelo vilão e seus seguidores, conhecidos como Filhos da Liberdade.

Imagens 25 e 26 – Fonte: *Supergirl*



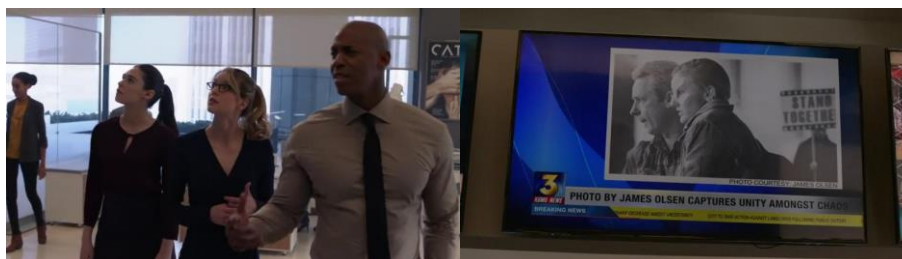
O antagonismo entre os dois personagens é representado em suas duas identidades. Na imagem 25, Kara Danvers e Ben Lockwood participam de um debate televisionado para discutir as questões defendidas pelo grupo Filhos da Liberdade. Na imagem 26, *Supergirl* enfrenta o Agente Liberdade em uma luta física depois que o vilão, com o objetivo de igualar forças, ingere uma substância que lhe concede habilidades sobre-humanas.

A narrativa da série acerta em construir a tensão entre os personagens, já que

¹⁴ Filosofia religiosa que consiste na concepção de que o mundo tem uma dualidade básica, composta por conceitos contrários: luz e trevas; bem e mal etc.

o vilão representa não só perigo físico para *Supergirl* (já que consegue igualar sua força através de um supersoro) como, também, perigo ideológico (presente no discurso defendido pelo personagem).

Imagens 27 e 28 – Fonte: *Supergirl*



Como o jornalismo é utilizado para lutar contra os vilões da temporada, é interessante perceber que a série não poupa oportunidades de mostrar as diversas vertentes da profissão. Após Ben Lockwood promover um evento (com o objetivo de discriminar e ofender alienígenas), Nia Nal, Kara Danvers e James Olsen conversam sobre as repercussões pós-evento dentro do cenário midiático, social e político do país (Imagem 27).

Na imagem 28, os três param e observam o efeito positivo que uma fotografia capturada por James teve. Nela, um ser humano que participava do evento contra os alienígenas ajuda uma alienígena a se levantar, após ter caído e se machucado, e a sair do local. Segundo a fala dos próprios personagens, foi por meio do fotojornalismo que foi possível captar a emoção do momento, e isso, pelo menos por ora, gera uma onda de compaixão e respeito entre humanos e alienígenas.

A série, mais uma vez, faz do jornalismo e da boa prática da profissão exemplos de como estreitar laços e criar pontes entre pessoas de pensamentos conflitantes.

Imagens 29 e 30 – Fonte: *Supergirl*



Imagens 31 e 32 – Fonte: *Supergirl*

No desfecho da temporada, Kara Danvers conta a seus aliados que o presidente a censurou e pediu para o serviço secreto apagar as evidências que ela coletou, as quais seriam usadas para expor as intenções dos vilões da temporada (Imagem 29). Porém, com a ajuda de Brainy, um de seus amigos, Kara recupera seus arquivos e provas (Imagem 30) e decide que, mesmo que tenha superpoderes, dessa vez, vai usar o poder da imprensa para vencer o mal.

Tal objetivo não só é conquistado como é o responsável por modificar o rumo da história. Através de um artigo, Kara expõe as ilegalidades e o complô realizado entre o presidente, Lex Luthor e o Agente Liberdade. Como consequência, o presidente é retirado do cargo (Imagem 31), e Ben Lockwood/Agente Liberdade é preso por todos os crimes de ódio que arquitetou durante a temporada (Imagem 32).

Também, na imagem 32, após a publicação de sua notícia, Kara é referenciada no jornal por ser a escritora do artigo, e James Olsen fala sobre a importância do poder da imprensa. O desfecho da quarta temporada é positivo, mas, dessa vez, Kara Danvers salvou o dia como *Supergirl* e como jornalista.

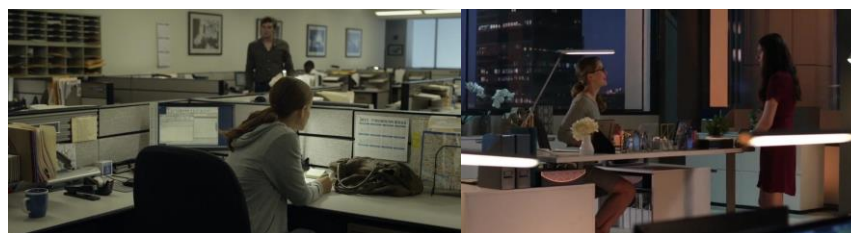
3.3 ZOE E KARA: AS DIFERENTES REPRESENTAÇÕES DA PERSONA JORNALÍSTICA

Ambos os seriados analisados neste trabalho se inspiram na atualidade para criar uma narrativa convincente, que converse com os dilemas sociais, políticos, econômicos, ideológicos etc. presentes na nossa sociedade. Como também são influenciados por acontecimentos da vida real, é comum que os personagens presentes nas histórias tenham comportamentos e personalidades distintos.

Zoe Barnes e Kara Danvers têm em comum o jornalismo como profissão, mas são completamente diferentes quando se observam questões como ética profissional e pessoal, personalidade, aliados e, principalmente, as características que as fazem

ser notáveis nos seriados.

Imagem 33 – Fonte: *House of Cards*; **Imagem 34** – Fonte: *Supergirl*



Ambas as séries utilizam diversos meios para construir a persona das jornalistas, e um deles é a representação dos ambientes de trabalho. Na imagem 33, é possível ver a mesa de Zoe Barnes e o setor de jornalismo dentro do jornal *The Washington Herald*. As baias são geminadas, separadas somente por uma parede pequena. A impressão que se tem, ao observar a imagem, é de um ambiente com pouco espaço. A mesa de Zoe também tem muitos papéis grudados nas paredes, sua mochila está jogada em cima da mesa junto a alguns materiais de escritório.

Na imagem 34, a mesa de Kara Danvers, na empresa *Catco WorldWide Media*, oferece um contraponto interessante. Kara está em um ambiente mais aberto e com mais espaço. Atrás dela, uma grande janela oferece uma visão da cidade. Sua mesa tem, além dos já convencionais materiais de escritório, retratos com fotos dos amigos e família, plantas e decorações modernas. A mesa, por não ter paredes e divisões, passa uma sensação de sobriedade e transparência.

Portanto, a falta de personalização e espaço no ambiente de trabalho de Zoe oferecem uma sensação de monotonia/apatia, já que a personagem não tem nada pessoal no ambiente; torna-se visualmente sugestivo que ela também carece de personalidade.

Já no ambiente de trabalho de Kara, é possível ver mais vivacidade/harmonia. As decorações de sua mesa e o espaço aberto oferecem um respiro e mostram a jornalista como uma personagem espirituosa, com mais conteúdo e presença.

Imagem 35 – Fonte: *House of Cards*; **Imagem 36** – Fonte: *Supergirl*

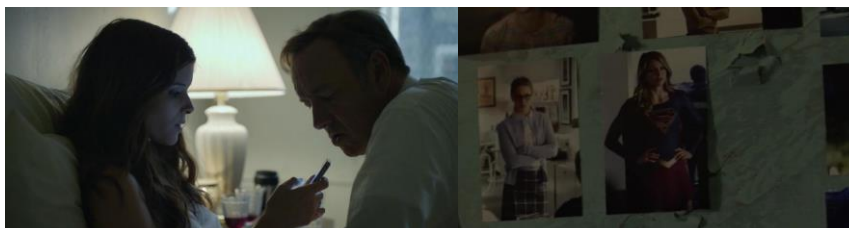


Outra forma encontrada pelo roteiro de transparecer as personalidades e os princípios de ambas as personagens é através de seus aliados. Na imagem 35, Zoe conversa com Frank Underwood, o congressista que lhe concede informações extraoficiais em troca de sexo. Já na imagem 36, Kara Danvers está em um *happy hour*¹⁵ com sua irmã e amigos, que são sua fonte de informação para reportagens e artigos (as profissões que exercem são relevantes na sociedade da série e, por isso, são fontes para a jornalista).

O contexto de ambas as cenas é importante para entender como funcionam as alianças pessoais das jornalistas. Enquanto Kara se encontra com seus amigos em público, Zoe precisa fazer seus encontros com Frank em seu apartamento, escondida de todos.

A relação que se estabelece é que a aliança de Zoe não só é secreta como também imprópria, já que, para conseguir suas informações, precisa se esconder. Em contrapartida, Kara pode obter informações de suas fontes em plena luz do dia, em público.

Imagem 37 – Fonte: *House of Cards*; **Imagem 38** – Fonte: *Supergirl*



Outro ponto que se assemelha nas narrativas das duas personagens é a existência de um segredo. Zoe é a amante de um deputado casado há 26 anos (Imagem 37). Enquanto Kara, secretamente, é uma super-heroína (Imagem 38).

Com essa breve descrição, é possível perceber que, enquanto um desses segredos é motivo de orgulho (por se tratar do respeito e do amor adquiridos por ser um super-herói), o outro é motivo de vergonha (já que, caso seja revelado, pode tirar todo o mérito profissional de Zoe e, ainda, ser um motivo para que as pessoas julguem seu caráter).

É possível perceber que, mesmo que se trate de duas personagens com a mesma profissão, suas atitudes, alianças e, até mesmo, ambientes de trabalho são

¹⁵ Reunião de colegas/amigos após o expediente de trabalho para diversão e confraternização.

formas encontradas pela história de expor suas personalidades e princípios.

Porém, mesmo que diferentes, Zoe e Kara desempenham a mesma função com confiança na capacidade do jornalismo de ajudar a expor e buscar soluções para as deficiências da sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É por meio do jornalismo que a sociedade se informa sobre os fatos que são relevantes para o seu cotidiano. Mesmo que os jornalistas estejam presentes diariamente na TV, no rádio e em outras mídias, a figura que foi criada sobre a profissão ainda intriga muitas pessoas. As duas séries utilizadas como objeto de estudo neste trabalho buscam fazer o efeito inverso, ao mostrar, em suas narrativas, como são as rotinas e os desafios desses profissionais.

House of Cards e *Supergirl* buscam representar o jornalismo o mais próximo possível da realidade, sem limitar a profissão a papéis secundários. O saldo positivo de ambas as séries é mostrar que, quando bem utilizados pelo roteiro, os jornalistas podem ser ressignificados e abordados de forma mais eficiente e fiel.

Outros detalhes interessantes foram percebidos durante a análise, como o feminismo, presente na expressão e na linguagem das personagens; a relação entre a política e a sociedade e como isso é representado; as referências a veículos de comunicação e jornalistas feitas nos episódios; o discurso sobre poder e a forma como ele pode ser usado de forma egoísta e maldosa; e como a representação dos jornalistas pode afetar a interpretação das pessoas acerca da profissão.

Kara Danvers e Zoe Barnes são, perceptivelmente, diferentes quando se observa a personalidade, a ética empregada no dia a dia da profissão, as relações pessoais que criam com seus amigos e aliados e, principalmente, com a forma como desempenham o papel de jornalistas. Mas, apesar de estarem presentes em uma história com políticos poderosos e inescrupulosos, ou em outra em que existem superpoderes, como raios *laser*, superforça etc., ambas as jornalistas confiam no quarto poder e na sua capacidade de derrotar a maior vilã da nossa atualidade: a desinformação.

REFERÊNCIAS

AMBRÓSIO, M.; GAVIRATI, V.; SIQUEIRA, G. A representação do jornalismo em produtos audiovisuais. **Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**. p. 1-11. Disponível em:

<https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/197/pdf_30>. Acesso em: 24 abr. 2020.

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma História Social da Mídia**. Disponível em: <<https://portalconservador.com/livros/Peter-Burke-Uma-Historia-Social-da-Midia.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2020, às 21:58.

COOK, T. E. **O jornalismo político**. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522011000200009>. Acesso em: 19 ago. 2020, às 22:26.

FERREIRINHA, M. N. I.; RAITZ, R. T. **As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rap/v44n2/08.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2020, às 22:35.

FOUCAULT, M. **A Microfísica do Poder**. Disponível em: <https://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/A_Microfisica_do_Poder_-_Michel_Foucault.pdf>. Acesso em 19 ago. 2020, às 22:07.

FRANCISCO, K. C. **A cultura juvenil, a mídia e o apelo ao consumo**. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/888>. Acesso em: 09 ago. 2020, às 09:12.

GONÇALVES, V. A. M. **Super-heróis no cinema: uma trajetória histórica**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2017/resumos/R12-0677-1.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2020, às 23:53.

HUCHET, S. **Passos e caminhos de uma teoria da arte**. In: DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos, o que nos olha. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010, p.11.

JOLY, M. **INTRODUÇÃO À ANÁLISE DA IMAGEM**. Disponível em: <<https://flankus.files.wordpress.com/2009/12/introducao-a-analise-da-imagem-martine-joly.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2020, às 17:53.

KOZIEL, E. **O jogo do poder: a transposição da trilogia literária *House of Cards* para as séries televisivas**. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/66308/R%20-%20T%20-%20ELENICE%20KOZIEL.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 27 ago. 2020, às 12:36.

KUHN, M. **Império do imediato: a urgência como argumento de vendas na comunicação mercadológica.** Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/609/1/Martin%20pg1_100.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2020, às 09:58.

LEBRUN, G. **O que é o poder.** Disponível em: <<https://dynamicon.com.br/wp-content/uploads/2017/02/O-que-%C3%A9-o-Poder-de-Gerard-Lebrun.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2020, às 21:11.

MAGALHÃES-COSTA, S. C.; VASQUES-FERREIRA, F. **Séries e a cultura da convergência: uma análise do consumo transmidiático da série House of Cards.** Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6254616>>. Acesso em: 24 ago. 2020, às 13:06.

MOREIRA, M. **Narrativas em série: o conceito de “série” do pulp à internet.** Disponível em: <<https://docplayer.com.br/12517791-Narrativas-em-serie-o-conceito-de-serie-do-pulp-a-internet-1-marcio-moreira-2-universidade-federal-do-ceara-fortaleza-ce.htm>>. Acesso em: 09 ago. 2020, às 08:46.

OLIVEIRA, L.; ROCKENBACH, F. **A Representação do Jornalista no Seriado Americano House Of Cards.** Disponível em <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-1111-1.pdf>>. Acesso em 08 set. 2020, às 20:32.

PINHEIRO, S. **JORNALISMO NA SÉRIE SUPERGIRL: A dualidade entre Kara Danvers e Supergirl em sua trajetória como repórter.** Disponível em: <https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/2623/1/MONOGRAFIA_JornalismoS%c3%a9rieSupergirl.pdf>. Acesso em: 10 out. 2020, às 15h30.

ROCHA, S. M. **Análise de conteúdo articulada à análise de gênero televisivo: proposta metodológica para interpretação das representações nas narrativas mediáticas.** Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/5384/2639>>. Acesso em: 14 set. 2020, às 18:39.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. **ANÁLISE DE CONTEÚDO: EXEMPLO DE APLICAÇÃO DA TÉCNICA PARA ANÁLISE DE DADOS QUALITATIVOS.** Disponível em: <<http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/2113/1403>>. Acesso em: 15 set. 2020, às 12:47.

STEINDORFF, G. **ALÉM DE UM CASTELO DE CARTAS: A METAFICÇÃO NA SÉRIE HOUSE OF CARDS.** Disponível em: <<https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/808/1/GabrielSteindorff.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2020, às 17:46.

SZEZECINSKI, A. C.; ALMEIDA, G. M. R. **A cultura da mídia como espaço de disputa por diversidade e representações positivas:** o apelo feminista das séries Supergirl e Agente Carter. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1333-1.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2020, às 15:42.